

# INTERNET E RELIGIÃO: O CANDOMBLÉ DE YOUTUBE

## INTERNET AND RELIGION: CANDOMBLÉ OF YOUTUBE

Ivan dos Santos Messias<sup>1</sup>, Carlos Alberto Ferreira Danon<sup>2</sup>

Autor para correspondência: Ivan dos Santos Messias - imessias@yahoo.com.br

<sup>1</sup>Mestre em Cultura e Sociedade. Professor na Pós-Graduação do Centro de Estudos Pesquisa, Extensão e Desenvolvimento Humano - CEPEX. Salvador, Bahia, Brasil.

<sup>2</sup>Mestre em Educação e Contemporaneidade. Professor na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e no Centro Universitário Jorge Amado – UNIJORGE. Salvador, Bahia, Brasil.

**RESUMO | Objetivo:** Este texto defende que a internet democratizou a dinâmica das relações humanas e, mais especificamente, da cultura religiosa. O canal Youtube é um modo de consagração e radicalização do modelo democrático virtual, na medida em que as religiões, inclusive a Umbanda e o Candomblé, participam, promovem-se e se potencializam através da exposição de vídeos. **Métodos:** Os vídeos de entrevistas, testemunhos, festas religiosas, músicas e ritos no site Youtube são analisados sob enfoque filosófico e sócio-político de teóricos da comunicação como Pierry Levy, Muniz Sodré, J. Burgess, os quais contribuem nas reflexões sobre virtualização, mídia, informação, cultura e sociedade; autores como Altair T'Ogun, José Beniste, Márcio de Jagun, V. Betancourt reforçam esta escrita através de materiais e textos sobre tradição e dinâmica religiosa. **Discussão:** Por isso, em um segundo momento das reflexões, este texto mostra o quanto a perda e a debilidade física são produtoras de cultura. Ao contrário do que se pensa, a internet conserva e fortalece as tradições e a identidade religiosa; aumenta a possibilidade de aprendizagem e acesso a saberes antes escondidos. Os relatos no Youtube sobre vivência e trajetória dos indivíduos revelam que a cultura também provém da dor e da doença conseqüentemente apresentam outra abordagem sobre tradição, ancestralidade e oralidade. Enfim, este artigo focaliza a interação entre tecnologias da informação e religião, entre condicionamento corporal e cultura.

**Palavras-chave:** Youtube, Candomblé, Tradição, Ancestralidade, Oralidade

**ABSTRACT | Objective:** This text argues that the Internet has democratized the dynamics of human relations and more specifically the religious culture. The YouTube channel is one of the main venues responsible for radicalization of a virtual democratic paradigm. It helps religions, including Umbanda and Candomblé, to participate and promote themselves, so that they are empowered by exposing its rituals through videos. **Methods:** Videos of interviews, testimonies, religious feasts, music and rites on Youtube are analyzed in philosophical and sociopolitical approaches of communication theorists like Pierry Levy, Manuel Castells, Muniz Sodré, J. Burgess. They contribute with reflections on virtualization, media, information, culture and society; authors such as Altair T'Ogun, José Beniste, Márcio de Jagun, V. Betancourt strengthen these arguments through materials and texts on tradition and religious dynamics. **Discussion:** Therefore, in a second moment of reflection, this text shows how much loss and physical weakness produce culture. Contrary to popular belief, the internet preserves and strengthens the traditions and religious identity; the web increases the possibility of learning and increases the access to hidden knowledges. Reports on Youtube on experience and trajectory of individuals reveal that culture also comes from pain and illness. Consequently, it presents another approach to tradition, ancestry and orality. Anyway, this article focuses on the interaction between information technology and religion, between body conditioning and culture.

**Key words:** Youtube, Candomblé, Tradition, Ancestry, Orality

## INTRODUÇÃO

Os vídeos do site Youtube são importantes como suportes contextuais na argumentação de que a internet contribui para ampliar conhecimentos religiosos e fortalecer tradições. Muitos grupos religiosos de Umbanda e Candomblé utilizam o espaço virtual para expandir seus negócios ou exaltar sua experiência de vida como testemunho e fortalecimento da fé.

Estas reflexões tradição, oralidade e ancestralidade diferem de abordagens teórico-espiritualistas tradicionais, nas quais o/a ancestral vem do além, desencarnado (a), é um parente antigo que vem para ajudar, auxiliar a pessoa aqui e agora na terra; o antepassado é considerado histórico, africano, consanguíneo, da mesma árvore racial-genealógica. Neste texto, termos como tradição, ancestralidade e oralidade são conceituados a partir da observação do corpo como reflexo de saúde ou doença. As potencialidades do corpo(mente) geram oralidade, tradição e produzem o ancestral. A oralidade reside no corpo de todo ser humano, na pulsão criativa e se revela em diferentes lugares, indiferente à instituição religiosa.

Definitivamente as religiões brasileiras Umbanda e Candomblé estão no Youtube - local onde também se celebra o orgulho da cultura, espaço para entrevistas, venda de imagens e serviços religiosos. O início do século XXI foi vivificado pelo poder da telecomunicação interativa e multimidiática. “A economia contemporânea é a economia da desterritorialização ou da virtualização” (Lévy, 1996, p.31). Esse fenômeno resultante das tecnologias avançadas superou a fase mais tradicional de som-imagem e introduziu no planeta uma realidade multidimensional e desterritorializada. Tal fase amplia a capacidade de fluxo de mercadorias bem como virtualiza as relações étnicas, provocando mudanças nas relações identitárias. Mas não devemos resumir questões ideológicas, de crenças e consciência étnica a um jogo do mercado capitalista. A pulsão religiosa antecede o capitalismo (produto da modernidade iluminista) e digladiava para estabelecer sua verdade, enraizada, conduzindo e sendo conduzida em qualquer período histórico. A vontade ou pulsão – segundo Friedrich Nietzsche

(2000) - consiste na força que há em toda parte como vontade de expandir-se afirmando sua energia vital. Essa configuração de vitalidade antecede o capitalismo, a linguagem, a consciência moral, o socialismo, a história. A noção de pulsão se refere à força regente, natural dos viventes. De qualquer modo, a religiosidade, a cultura são espelhos doentios e regressivos da energia máxima (a pulsão). O projeto nietzschiano da vontade de potência fundamenta o nada-afirmativo amoral, sem culpa, desmitificado e sem valor axiológico. Nesta epistemologia sócio-biológica do sujeito não há ciência, religião ou linguagem para nomear objetos. Todas as coisas estão des-valoradas sob o nihilismo afirmativo, longe do bem e do mal.

Os povos africanos trouxeram ao Brasil uma das tecnologias mais acessadas atualmente nesta era do capitalismo – o Candomblé. É com essa força alquímica que os negócios, as artes e inúmeras empresas constroem a civilização brasileira. Para Sodré (2012), “tecnologia significa razão raciocinante da técnica; tecnologia significa um convite para a mutação de atitudes com relação à técnica”. A palavra tecnologia é sinônimo de metodologias - elementos materiais e simbólicos utilizados para a transformação do espaço social, natural e econômico. Portanto, rezas, cantos, rituais, terapias são técnicas e tecnologias de transformação da realidade, da ordem, das configurações econômicas, cultural vigentes na sociedade brasileira. A soma e a combinação de elementos naturais, químicos e ritualísticos geram resultados favoráveis para a saúde, negócios e política. Devoção candomblecista e capitalismo andam juntos em alguns momentos. Exemplo enfático é o de Eike Batista - o homem mais rico do Brasil e o sétimo mais rico do mundo em 2011. O mega empresário, acompanhado de um amigo “vidente” (pai de santo), segundo o Jornal Extra (2016, março, 1), atirou R\$ 700 mil em moedas de ouro ao mar para fazer as pazes com Yemanjá, deusa das águas salgadas na crença afro-brasileira.

Castells (2003) afirma que, desde a década de 1960, diversas empresas norte-americanas como Arpanet, DCA, FVA tornaram a comunicação por

computador um fato, especialmente para diferentes ramos das forças armadas norte-americanas. Um modo de vida global que atravessa fronteiras geográficas, culturais e socioeconômicas. Este é um fenômeno de radicalização das políticas neoliberais as quais operam por meio eletrônico, telefonia e internet móvel. A comunicação, portanto, empreende poderes supranacionais interligados por múltiplas redes cibernéticas. Evidente que tais sofisticções tecnológicas passo a passo objetiva, dentre outros interesses, a expansão de mercados, vendas, propaganda, aplicações financeiras. É nesse ambiente virtual que se inserem as diversas religiões. “A negociação empresarial e o comércio por meios eletrônicos demandam a mudança de métodos, gestões e padrões de qualificação profissional, ensejando uma nova cultura pública” (Sodré, 2002, p.6). O empreendimento inusitado quanto aos métodos e padrões surge em 2005, e se torna uma das mais influentes vitrines. O site Youtube amplia o modelo bastante democrático de autogestão no qual o talento e a criatividade podem ser premiados por empresas e projetos de telespectadores informacionais, capitalizados.

O capitalismo como sistema econômico surgido na era Moderna foi antecedido por séculos de velhos acontecimentos religiosos e questões étnicas infinitas. O referido modelo político-econômico consiste na serialidade de produtos materializados pela criatividade, pulsões, desejo de posse, de controle e expansão, tal qual outros sistemas político-econômicos existentes na terra.

O Youtube é uma empresa de compartilhamento de vídeos pela internet, fundado em 2005, por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim. “O momento de sucesso chegou em outubro de 2006, quando o Google pagou 1,65 bilhão de dólares pelo YouTube” (Burgess, Jenkins & Hartley, 2009, p.12). O site por ser expressão dos sentimentos e discursos sociais, é espaço para extensão das batalhas ocorridas em toda parte da teia social. Mas, na realidade nem tudo é conflito. O canal Youtube é um espaço virtual de ampliação dos conhecimentos; exhibe entrevistas com pessoas comuns e artistas, jogos de futebol gravado, editados e ao vivo, cursos diversos, novelas, filmes completos, tudo nas mais diversas línguas. Sua programação cumpre o papel na dimensão

chamada instituição democrática. Segundo Clough (2011, p.3) “Há mais de 800 milhões de visitantes por mês exclusivos do Youtube. O YouTube está entre os dez websites mais visitados em todo o mundo”. O site é o espaço onde a maioria das pessoas podem se mostrar, postar vídeos sobre quase tudo. A partir desse espaço de oportunidades, muitas pessoas se tornaram famosas mostrando sua arte.

## 2. AUTO-PROMOÇÃO E TESTEMUNHOS DA CULTURA

O Youtube é mais um instrumento para valorizar, divulgar e promover economicamente o Candomblé, na medida em que projeta seus sacerdotes. Funciona na promoção da auto-imagem, do ego, do show. Afinal, não é pecado mostrar o belo, a alegria, as dores, a luta diária, os segredos. Ao contrário, mostrar-se gera fama e renda, anunciam-se e vendem-se produtos. No estado atual do capitalismo, aparecer, mostrar-se é parte da vitrine virtual, a fim de expor os pequenos negócios, e, paralelamente, a tribo a que se pertence. Exibir-se amplia mercado e eleva a estima dos telespectadores ou membros da comunidade religiosa; gera desejo de consumo e de instruir-se. Mostrar-se fascina e cria mitificação, um “Eu” para a vivência do entrevistado e do telespectador. As aparições são ritos de inserção na competitividade no jogo econômico macro; formas de sobrevivência mediante diálogo democrático com a sociedade capitalista e seus instrumentos midiáticos. Há concorrência religiosa por fatias de mercado: evangélicos, católicos, umbandistas, candomblecistas vendem seus serviços com gloriosa aparição. Cada segmento se capacita para expandir-se através dos serviços e produtos religiosos.

O Candomblé é mais um suporte psicológico, terapêutico, curativo do que instituição político-ideológica; é universalista e aberto, mesmo com suas particularidades ritualísticas, ecológicas e naturalistas. O que parece ser ultrapassado e obsoleto adapta-se ao jogo econômico. Evidente que cada adepto possui identificação com as mais diversas correntes políticas seja conservadora, seja esquerdista. Essa religião se adequa a estruturas econômicas, classes, tipos humanos, países. Nem toda construção identitária planeja intelectualmente ser antitética, nem possui projeto político revolucionário,

sistematizado e ideologicamente contestatório.

O sacerdote Aritana de Oxossi (2015, maio, 31), ex-evangélico, apresenta diversos programas na TV, rádio e internet-Youtube e jornais impressos; faz propaganda ostensiva, vendendo serviços de consultas, apresenta-se em limusines, exhibe garotas e rapazes alegres, dançantes. Apelo ousado como as iniciativas empresariais dos (neo)pentecostais: “Você que é de fora do Brasil, fora de Salvador, São Paulo. Rio. nós realizamos todos tipo de trabalho... de amor, separação, união. Aceitamos todos os cartões.” O programa exhibe o altruísmo Aritana: doações de cestas com alimentos, previsões, debates sobre intolerância religiosa e valorização das culturas umbandista e de candomblé. “O programa de Aritana mostra que a Bíblia e o Candomblé não são inimigos, nem opostos, ao contrário têm forças e orações que se completam”. (Aritana, 2015, junho, 21). Aritana tem prestígio, mas também alguns desafetos em comunidades de Umbanda e de Candomblé. Consideram-no fora da tradição religiosa, sem seriedade, não-iniciado. Os comentários seguintes são exemplos das diversas impressões que se tem: “falso pastor”, “Sangue de Jesus tem poder; queima esse homem”. Isso não tira seus méritos e virtudes. Afinal, a intolerância e discordância também são comuns em muitas dessas comunidades religiosas. Quase tudo é motivo para discórdia e incômodo. É comum haver críticas, calúnias, disputas por causa do sucesso alheio bem como da força ancestral, das diferenças de rituais, roupas, danças e questões irrelevantes. Há pessoas que não entende o quanto cada templo de Candomblé tem sua particularidade ancestral, cada casa possui um fundamento religioso, sua verdade e variedade. Essas relações carecem de mais respeito. Outro programa destacado, o Falando de Axé, (Gonçalves, 2016) no site Youtube, apresenta entrevistas com sacerdotes e sacerdotisas de Umbanda e de Candomblé. Os entrevistados sempre começam a falar de si mesmos e, sobretudo, de sua trajetória de dificuldades, alegrias, detalhes da vida religiosa. Um dos programas involuntariamente mostra como a subjetividade é formada a partir da perda da saúde. Mãe Elzira de Oxalá, quando adolescente, tinha tontura, confusão mental. Após desavenças e instabilidades, foi levada à Umbanda, religião afro-brasileira, e, com o Caboclo, curou-se das perturbações.

Caboclo é um estado Duplo da mente, ou seja, um Ancestral. Uma pessoa, por exemplo, incorpora um personagem distante (entidade espiritual Caboclo) que aconselha, dança, cura, conforta e canta; indica receitas com folhas, banhos, repousos, alimentos. As instituições Umbanda\Candomblé e os caboclos foram introduzidos à vida de Mãe Elzira de Oxalá à força, pelas estranhezas do corpo, pela natureza e inconsciente. A “doença” trêmula chegou arruinando valores tradicionais. Então, precisava lutar para manter a autoridade social de sua cor branca. O futuro, os projetos, os privilégios sociais da brancura estavam ameaçados pela força cultural dos negros, pelo tambor, pelo barulho e gritos - a dança dos negros, a umbanda, a pajelança, a simplicidade, os banhos de folha, o deitar-se ao chão, enfim a mestiçagem cultural. O depoimento é valioso, pois mostra a religiosidade como força da natureza incidindo sobre o corpo, à revelia do querer, mas formatando o caráter para o serviço solidário amplo, humanista e educativo. É desse modo que atuam muitos templos de Umbanda e Candomblé, bem como muitas religiões brasileiras. Com todas as contradições e limites, as religiões têm papel importante na formação do caráter e da civilidade das pessoas.

Há centenas de vídeos educativos como os de mãe Elzira de Oxalá relatando a construção do sacerdócio. Percebemos nos relatos dos vídeos youtube que a identidade nem sempre é uma escolha. No caso de Mãe Elzira de Oxalá, sua mudança do Catolicismo para a Umbanda ocorreu quando seu corpo foi ocupado à força pelo que os candomblecistas chamam de transe espiritual de Caboclo e a ciência chama de fenômenos psíquicos. Os processos culturais se constroem com perdas, vitórias sobre a dor e sacrifício do corpo integral. Há processos impostos pela vida que são complexos. A cultura, a identidade não é simplesmente uma escolha ou um pacto social - como dizia Nietzsche. A cultura, nos casos estudados aqui, resulta de forças naturais, patológicas, orgânicas que transformam o corpo, obrigando os indivíduos a produzir paciência, compreensão, silêncio, solidariedade, novos estilos de vida. A sacerdotisa Elzira de Oxalá é um exemplo emblemático.

Geralmente, o ingresso, o batismo no candomblé se dá pela tragédia, pela doença ou pelo amor. Estes

são fatores determinantes para a aquisição da cultura e do conhecimento cerimonial. Então o conceito de cultura é deslocado. Em vez de um fenômeno intelectual, um aprendizado voluntário, político, nasce da tragédia, da dor, da cura. Aqui, a cultura é o próprio organismo. Aquilo que nos tornamos também é determinado pelo corpo. A cultura e a política moldam e adestram o organismo, mas, neste caso, suas debilidades, lágrimas e alegrias moldam o tornar-se identidade. Perder saúde e juízo crava no corpo a marca da palavra “sim”: - “Sim”, aceito entrar neste portal, neste templo, nesta realidade da cultura, da nova identidade, dos novos hábitos, com pessoas desconhecidas, estranhas, grosseiras ou cultas, boas ou más. Agora, sobretudo, as pessoas são da mesma aldeia milenar, sejam de direita ou esquerda, ricas ou pobres, pretas ou brancas. Afinal, o Candomblé e a Umbanda como outras religiões congregam pessoas das mais diferentes classes, origens, concepções e sexualidade. Gente rica como Eike Batista, por exemplo, está na mesma aldeia cultural/identitária de uma pessoa semi-alfabetizada, desempregada das favelas cariocas, gaúchas, pernambucanas. Afinal, artistas, empresários e povo comungam as nuances da cultura afro-brasileira: levam flores a Yemanjá; consultam sacerdotisas do Candomblé; estabelecem vínculos de fé; utilizam a mesma energia psicológica e ritualística como utensílio tecnológico para impulsionar suas vidas.

Em variados exemplos apresentados pelo Youtube, especialmente em Falando de Axé, a doença antecede a cultura e o querer. Primeiro adocece, depois imerge na nova religião; primeiro o corpo conduz, depois a consciência se molda à nova configuração identitária. Antes da escolha estão os processos inconscientes, arcaicos, primitivos, do transe, da revelação, do “delírio” cósmico, do estar fora de si para uma nova missão, fora do lugar da origem social, fora da raça, da estabilidade.

Ancestralidade candomblecista não se resume à cor da pele, ao grupo social, à classe, à nação. As pessoas são geralmente escolhidas por ancestralidades ocultas cujo histórico é ignorado pela cognição e pelo intelecto, por isso, quando se fala de ancestralidade, abstrai-se muito, vulto impalpável.

A exposição desta religião considerada enigmática e fechada ocorreu muito antes do advento da internet. Antropólogos, escritores, políticos, artistas publicaram, divulgaram cantigas, curiosidades, especificidades da religiosidade candomblecista. Nomes como Nina Rodrigues, Edson Carneiro, Ruth Landes, Roger Bastide, Pierre Verger, Jorge Amado, Vinícius de Moraes, Antônio Carlos Magalhães, Joazinho da Goméia, Clara Nunes, Olga de Alaketu, Luiz da Muriçoca, Jorge Ben e outros propiciaram ao público maior informação mediante livros, discos, artes plásticas sobre o território sagrado afro-brasileiro. Tais exposições enobreceram ainda mais o Candomblé e a Umbanda.

Qualquer pessoa pode ser simpática a banho de mar e suas terapêuticas, ao glamour das vegetações, ao banho de sol, à alegria da chuva sem precisar ser adepto de religião alguma. Porém, Candomblé é religião iniciática. Para tornar-se membro e conhecê-la devidamente, é preciso batizar-se. Isso implica adotar processos de reclusão, assentar instrumentos, abstinência temporária de certos alimentos, sexo e bebidas alcóolicas, a fim de purificar e fortalecer o organismo.

O sacerdote Altair T`Ògún lançou dois importantes livros que tratam dos detalhes e dos rituais de iniciação no candomblé: *Elégùn* (Oliveira, 2015), o qual expõe ritos secretos de iniciação; mostra as particularidades de cada ritual: as canções; rezas para folhas, alimentos, terapias. T`Ògún publicou também *Cantando para os Orixás* (Oliveira, 2008), são músicas tocadas nas festas para os Orixás ou mensageiros de Deus, na religião do Candomblé. São músicas em yorùbá, com tradução para a língua portuguesa. É uma das publicações mais importantes e exitosas na divulgação do candomblé de linhagem Ketu. Encontramos no Youtube um comentário de um telespectador, horrorizado com a divulgação das músicas de festas e de funerais, considerados secretos: “Cumulo do absurdo estas cantigas de um ritual sagrado está aberta a publico.” (Ayrá, 2014) Cada vídeo afim traz muitos comentários semelhantes ao do Senhor W. B. As músicas do referido livro estão no Youtube e foram ainda mais popularizadas. A abertura e exposição das intimidades e fundamentos sagrados de maneira alguma danificam ou desrespeitam as tradições. Ao contrário, é naquilo que parece vulgarização,

banalização que se dá o fortalecimento da cultura religiosa, na medida em que dúvidas e preconceitos são desmoronados. A força cultural se solidifica na medida em que é vista e prestigiada. Portanto, a internet fortalece a cultura local no caso estudado. Paul Gilroy (2001, p.25), analisa experiências híbridas de comunidades negras no Atlântico: música, mercados, trocas simbólicas; e defende as “formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem”. Impossível viver sem expor-se a tensões e trocas culturais. As tradições existem sem fixidez, desgastam-se, produzem valores e arte, transformam-se; existem perdas e ganhos simbólicos, prestígio e continuidade das tradições, exibidas inclusive no “balcão” Youtube.

Quem gosta de cantar e exibir suas tradições nas telas é o sacerdote ou babalorixá Mauro T’Osun; é uma das estrelas da cultura Youtube. Demonstra vasto conhecimento dos rituais e canções sagradas; tem altivez, seriedade; divulga muitas festas e músicas inusitadas, apresenta fundamentos ritualísticos de candomblé. T’Osun é autor do livro *Irín Tité – Ferramentas Sagradas dos Orixás*, lançado em 2012.

Mostrar-se fortalece a tradição, em vez de destruí-la e envergonhá-la. A aparição fortalece o ego e a comunidade, consagra personalidades, amplia relações, potencializa pequenos empreendimentos. “O fascínio da imagem atinge seu ápice quando nós somos a própria mensagem”. (Lévy, 1996, p.9). Cada autoridade, agora vista por milhares de pessoas, aborda assunto comum, conhecido, experimentado por muitos e gera credibilidade, simpatia, sentido criado pelo sacerdote cujos temas em discussão já são conhecidos de muitos. “O sentido emerge de efeitos de pertinência locais, surge na interseção de um plano semiótico desterritorializado e de uma trajetória de eficácia ou prazer” (Lévy, 1996, p.29). O sentido renova a tradição, ratifica a autoridade do falante. Para Levy (1996, p.12), “a virtualidade é um modo de ser fecundo e poderoso que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido, sob a platitude da presença física imediata. Evidente que essas aparições geram sentidos e, simultaneamente, disputas, invejas – características de todo espaço

social ou congregação. Nos comentários aos vídeos, são muitas as críticas, escárnios e risos desdenhosos contra um ritmo, uma roupa, um momento litúrgico. Longe das imagens da internet, os candomblecistas frequentam mais universidades, participam de partidos políticos, são grandes profissionais de saúde e da segurança pública, relevantes empresários, importantes políticos, estão em toda parte, muitas vezes silenciosos. Outros tomam ônibus, enfrentam insultos evangélicos diariamente, são expulsos dos bairros por alguns traficantes de drogas. A juventude se empregou nas empresas de drogas ilícitas; desenvolvem rejeição à disciplina, família, amizade, solidariedade, escolarização. Ocorrem assassinatos em massa de jovens na disputa por territórios. Nesse ambiente de terror, vivem templos de Candomblé, longe do minúsculo glamour das telas de internet. Marx afirma que a humanidade é movida pela luta de classes infra-estruturantes. Diferentemente, Hitler, em *Minha Luta*, afirma que os conflitos raciais movem a humanidade. É preciso acrescentar que independente das motivações catalogadas, o conflito (sem qualificação alguma) é a base da vida, conforme dizia Heráclito e Hobbes: “a terra respira luta” ; “a vida é luta de todos contra todos” – independente dos sistemas econômicos. O quesito nem sempre é a macro política, tampouco a economia capitalista nem a luta de classes, nem o racismo ou o “sistema opressor”. A vida é mais que dicotomias marxistas, capitalistas e racialistas. Imperam as eternas micro-relações pulsantes pela afetividade, emprego, vitória judicial, saúde, desavença com um vizinho ou um inimigo qualquer. Maffesoli (1998) e Certeau (1998), analisando as formas de lutas populares esquecidas/silenciadas pelas macro histórias, afirmam que em muitos bairros, a ética do papel não funciona. Funcionam bem as normas tecidas diariamente pelos sentimentos de amor, solidariedade, comunhão, ódio, ciúme, inveja – depende da pessoa e dos sujeitos envolvidos. A lei formal às vezes é o último recurso, quando reconhecida. No livro *O tempo das tribos*, Maffesoli realiza método qualitativo (genealógico) do bairro ou uma análise emocional das populações - um modelo epistemológico que analisa os sentimentos, a jurisdição informal do bairro ao lado da formalidade abstrata das leis modernas. Maffesoli investiga o comportamento dos grupos sociais, classificando-os Comunidades Emocionais, que reconfiguram suas normas, leis informais e regras internas no bairro

ou nos grupos cotidianos. “A própria justiça está subordinada à experiência próxima, que a justiça abstrata e terna é relativizada pelos afetos (seja de ódio ou de amor).” (Maffesoli, 1998, p.26). Invadir templos de Candomblé, jogar panfletos cristãos, água benta e sal seriam fazer justiça emocional, à revelia da vontade da sacerdotisa. Eis a ótica de alguns segmentos evangélicos; além disso, som em alto volume, gritos e exaltações verbais em nome de Jesus. A comunidade emocional constrói sua lei diariamente a partir de ritos de exumação de possíveis feitiços e maldades. Fazem com a força da lei própria, desconsiderando que o artigo 5º da Constituição brasileira garante liberdade religiosa. Com discursos de demonização das religiões católicas e umbandistas bem como das telecomunicações “mundanas” e do público LGBT, segmentos evangélicos começam a implantar uma guerra moral-religiosa no Brasil; muitos financiados por relações escusas e suspeitas. Todo esse cenário tenso relatado tem continuidade no site Youtube, local de veiculação moralista contraditória.

Paradoxalmente, surgem diariamente escândalos de crimes envolvendo pastores evangélicos: pedoflias, assassinatos, tráfico de armas e drogas, estelionatos. Surgem igrejas gays por todo o país. São milhares de práticas contraditórias ao discurso de retidão moral-familiar das lideranças espirituais cristãs (neo)pentecostais. Se no passado era a polícia que violentava templos de Umbanda e Candomblé, sob orientação política-católica, hoje é o novo cristianismo que o faz.

Qualquer pessoa diria que um culto neopentecostal, umbandista ou candomblecista se trata da mesma festa em dia e local diferentes. Basta acessar o canal Youtube para vermos o novo cristão incorporar suas entidades padilhadas, exus e outros desconhecidos, mas ali, são chamados de divino espírito santo, não é o satanás. O bolinho acarajé feito pela vendedora evangélica é santo; o da baiana-de-acarajé é taxado de bolinho do diabo. O sentido é revertido, reapropriado, ultrajado furiosamente com base na concorrência da interpretação cristã empresarial. O patrimônio alheio é tomado, contudo o portador é rebaixado e demonizado.

### 3. FUNDAMENTOS DE UMA RELIGIÃO MILENAR

Há grande parentesco entre religião egípcia faraônica, candomblé e hebreus. No Egito, os deuses (neteru) estavam em toda parte, eram cultuados e simbolizados aos animais e aos elementos da natureza. Os hebreus legaram grande parte dos fundamentos religiosos egípcios. Expressões como a tribo de Ayra, a tribo de Dan (Levíticos/Numbers: 112 -188, The Bible in Today`s English Version) são nomes bíblicos antigos presentes na língua africana yourubá, e denominam os deuses do Candomblé. Sem contar que os rituais eram e são muito parecidos ainda, basta averiguar textos bíblicos, especialmente os Levíticos. Ayra Inã (raio de fogo) é um Xangô, guardião do panteão candomblecista; Dan é o protetor Oxumarê, conota movimento, tem força que se espalha como raio, cobra e arco-íris. Ewa – companheira de Dã (Adão e Eva como nas narrativas míticas dos povos hebreus). As familiaridades não terminam nesses exemplos, há infinita ligação histórica, ritualística, etimológica, sanguínea, ancestral, que se transformou no fluxo das diásporas, histórias e misturas. Essa história também constitui a ancestralidade dos povos pretos no Brasil.

As pessoas, os discursos, etimologias e histórias passam, mas as religiões que cultuam mares e florestas permanecem; mudam os nomes, eterniza-se o sentido. O candomblé é conhecido por métodos naturais, arcaicos que muitas vezes regulam a liberdade humana, através da disciplina rígida. Também existem sinais do passado colonial na linguagem e nas relações pessoais, mas isso vem mudando. Atualmente tem sido a religião de jovens universitários, “com mestrado, doutorado, intelectualizados, gente descolada, libertária” - como diz o sacerdote (babalorixá) Mauro T`Osun. O conhecimento é a base da civilização contemporânea, da tecnologia, das ciências, da mecânica química e da robótica. No Candomblé não é o conhecimento religioso que mais importa, pois o que se aprende numa terça-feira pode não servir para solucionar um problema na quarta-feira. A base desta religião é a revelação, a inspiração, a criatividade do inconsciente pessoal-ancestral.

É inconveniente datar a origem do candomblé em território brasileiro. Inexistem registros apropriados. Além disso, os registros conhecidos a partir do século XIX são incapazes de historicizar precisamente o

candomblé no Brasil. A micro história dos grupos étnicos africanos que se moveram pelo continente brasileiro desde o século XVI permanece ausente das pesquisas antropológicas e históricas. A palavra candomblé deriva da expressão *yoùrubá Kan* (Napoleão, 2016), que significa um (1), *umbele* significa proteção, ou seja, a segurança primeira; a principal proteção do corpo, a cobertura fundamental para o corpo.

A veiculação da força principal de um encanto através de uma prática religiosa milenar muda a dinâmica do corpo e do funcionamento das relações interpessoais, da história particular dos indivíduos que se interconectam com as dinâmicas de produção econômica, social, política, cultural. Por exemplo, quem se abstém de bebida alcoólica e sexo por longo período pode contribuir para que a venda de bebida alcoólica e preservativos diminua. É comum aos adeptos de Candomblé/Umbanda se absterem por períodos variados de ambos produtos. Não é um procedimento moral, mas terapêutico. Abstinência tem relação com saúde, em vez de pecado e sensação de culpa. Os preceitos, tabus, orientações, regras, doutrinas são falados, vividos na carne, nos erros e acertos da experiência diária, dos contatos ora autoritários ora democráticos dos templos religiosos (terreiros). Existem, nas rodas de conversa com sacerdotisas e sacerdotes, conselhos para o perdão, o cuidar da família e ser solidária(o). São ocorrências éticas comuns, porém cada templo inscreve as virtudes, crises e abusos da personalidade do(a) líder espiritual. O tempo, a natureza e o ancestral (a mente) são os livros sagrados do Candomblé na recente era virtual.

Os fundamentos de Umbanda/Candomblé vieram tanto de África com os povos pretos, quanto de Portugal, em segredo, com os povos branco-mestiçados por mouros africanos durante sete séculos de colonização africana em Portugal/Espanha (século VIII a XV). A Europa - mestiçada com pretos - que colonizou o Brasil, também é a ancestralidade “silenciada” do Candomblé. Por sua nascente negra, com ascendente escravagista, tornou-se uma forma pejorativa, estereotipada pelas formatações culturais hierárquicas dos povos brancos cristãos. A escravidão não é patrimônio natural do tipo humano preto. A escravidão é uma marca mundial das mais diversas nações de todas as cores; houve

escravidão eslava, grega, romana, asiática, mundial. O exercício de subjugar é típico das civilizações humanas e não apenas da África. As mídias esquecem-se desse aspecto da história, insistem em estabelecer padrões estéticos e ideológicos para rebaixar povos e segmentos étnicos. Novelas, filmes e programas são exemplos disso. Paradoxalmente, a intensa miscigenação racial é um exemplo de que os padrões estéticos coercitivos são incoerentes e criminosos. Wittgenstein – citado por Sodré (2010, p.19) - afirma que “Nós não aprendemos a prática do julgamento empírico, aprendendo regras; o que nos é ensinado são julgamentos”. Para Sodré, “O pensador (Wittgenstein), para quem o trabalho filosófico consiste essencialmente em elucidar, está se referindo ao preconceito como parte de toda operação de conhecimento”. Em vez das propriedades do objeto, é a abstração do sistema que fixa uma crença. Finalmente, os preconceitos e estereótipos ocorrem inclusive porque não atingimos a era científica culturalmente falando. Uma sociedade culturalmente científica se caracterizaria primeiro por investigar e conhecer, depois emitir parecer, discurso, relatório. Somos técnicos, mas não pensamos filosoficamente. Não basta que a nação brasileira tenha grandes escritores negros, políticos, governadores, empresários e militares negros. A miscigenação fortíssima no Brasil e a elevação social dos negros por si provam que a superioridade cognitivo-estética branca é ficção e invenção. Mas nem isso é suficiente ainda para eliminar crenças imaginárias, pré-científicas sobre a inferioridade de alguns em relação a outros.

O Candomblé é uma das religiões da Bahia, do Brasil; move-se pelo que está inscrito no oráculo do Tempo, o qual se pronuncia no jogo de búzios, nas cartas, no copo d'água. A natureza é vasta, precisa ser lida, decodificada, amplamente cientificizada mediante vários instrumentos: da química laboratorial à previsão dos búzios. A realidade é excessivamente vasta para contentar-se com as investigações positivo-científicas apenas.

Os dados sobre quantidade de adeptos da religião Candomblé/Umbanda no Brasil sempre se distanciarão da realidade, uma vez que as pessoas negam sua participação no culto africano. Não apenas porque são vítimas de preconceitos e perseguição no trabalho, entre familiares e pessoas

das mais variadas crenças e ideologias. Os dados estatísticos serão sonegados também porque o silêncio faz parte da subjetividade dos entrevistados. O silêncio é um jogo na efetivação da força mágica: da estratégia para vencer um obstáculo, por isso também as pessoas se acostumam em negar que participam de candomblé, ocultam-se. As micro-ilhas de cultura em todo o mundo são silenciosas, por serem minoritárias, precisavam/precisam de segredo para subsistir, sequer podiam/podem falar de origem ou orgulhar-se; podem apenas viver sob vigilância e desconfiança, ameaças.

#### 4. CORPO, TRADIÇÃO E ANCESTRALIDADE

Nos mais diversos estudos sobre tradição no candomblé, a oralidade equivocadamente pressupõe algo que foi passado da sacerdotisa para o iniciado pela palavra. Isso é um fato e também um limite de pesquisa. Oralidade é mais que conhecimento antropocêntrico, mais que discurso, é transmissão de conhecimentos terapêuticos do ancestral, dos Caboclos, da voz inconsciente para o sacerdote e para os iniciados – ambos detêm poderes e tradição oral na mente(Ori). Portanto antecede ao poder intelectual, cumulativo dos sacerdotes. A mina, a riqueza, a solução passa pelo sacerdote, não reside nele, de modo algum lhe é inerente. A força, a riqueza é veiculada por toda parte nos seres e energias da natureza. Intuição, visão e audição existem, as pessoas sonham, têm transe, ouvem vozes involuntariamente; em muitos casos, nada disso tem relação com loucura. Em qualquer parte do planeta isso acontece.

Em acréscimo ao que diz A. Hampate Ba e maior parte dos adeptos de candomblé, a tradição não é oral apenas, ela é individual, depositada na consciência dos indivíduos e dali transmitida para os demais da comunidade. A tradição religiosa não se perde, é eterna, desde que haja alguém para produzi-la, pois os poderes mentais, complexos, criativos nos seres humanos são a fonte da tradição religiosa afro-brasileira. O conhecimento dos rituais independe fundamentalmente de que alguém ensine, é transmitido pelos sonhos, pela inspiração acordada, pela imaginação do transe, pelo olhar intuitivo. Quão poderoso é o corpo humano. Todas as pessoas são dotadas de capacidade para receptionar e comunicar-se com sua força ancestral

interior, precisa apenas de disciplina, paciência, terapias, dedicação, orientações que, muitas vezes, estão dentro de si.

O livro - a escrita não é o modo comum de perpetuar a força da tradição sagrada nos templos de candomblé. Mas existem outras formas tão eficientes e prósperas em sua manifestação - o segredo é uma delas. Por mais midiaticizados que tenham se tornado as festas, os cantos e rituais – A Umbanda e Candomblé são religiões de segredo, de fórmulas secretas, de compartilhamento criterioso. Para Sodré (2005, p.107) “O segredo é uma dinâmica de comunicação, de redistribuição de axé”. O segredo é individualizado, por isso ninguém o revela em espaço midiático algum. Cada texto sacro é soprado por pessoas nas ruas, praças, locais de trabalho, sonhos, transe, sinais. Os textos sobre saúde, amores, sucesso profissional são ditos para a maioria das pessoas em todo o mundo; no Brasil, alguns se especializam em ouvi-los e dizê-los. Essas são chamadas de lalorixá (sacerdotisas ou mães de santo), ou babalorixá(pai-de-santo).

A ancestralidade é impura, foi cruzada cultural e biologicamente, passou por processos híbridos. O termo ancestralidade é corriqueiro na linguagem acadêmica quanto na comunidade religiosa. Antropólogos e filósofos tem se incumbido de classificar, conceituar e teorizar sobre Ancestralidade: Bastide, Edson Carneiro, J.Elbein, Muniz Sodré, Verger, Júlio Braga, M.A.Luz. O termo posou nas reuniões e textos dos movimentos negros brasileiros para resgatar e afirmar o orgulho, as tradições e os fazeres dos povos pretos. Tudo válido sob a perspectiva político-democrático-dialógica. É importante resgatar patrimônios da negritude no Brasil, onde é comum negar, rejeitar, abominar tais valores. Entretanto, tornou-se difícil precisar a trajetória antepassada dos povos brasileiros; resta o orgulho ao mito, à imaginação histórica, ao enredo. As pesquisas sobre ancestralidade se ancoram em fatos aparentemente corrompidas por variadas histórias difusas. A história, a árvore genealógica ou etimológica não conta as micro-histórias, a infidelidade conjugal, as adoções, os cruzamentos inter-raciais que houve nas gerações passadas. Sequer levam em consideração os processos internos, conflituosos, miscigenados na constituição das famílias brasileiras.

O que é um ancestral? No candomblé, concebe-se que cada pessoa tem um Ori, uma mente. Em Beniste (1997, p.128), “o Ori, a cabeça física é morada da sabedoria e da razão”. É Ele quem guarda, conserva e expande a tradição através do sonho e do oráculo. O sacerdote M. Jagun (2015, p.66) completa: “Um Ori instável e desequilibrado prejudica a relação do ser com o Orixá”. O responsável pela tradição é o(a) Ancestral, que passeia na mente, no Ori, que se apresenta nos sonhos, nas visões em vigília com variadas formas. “A mente é o grande criador e não pode ter nenhum poder, exceto aquele que se deriva da mente” (Betancourt, 2009, p.57). A tradição não é oral como dizem inúmeros autores e a linguagem popular. A tradição é mental, oracular, sonífera. Ancestral é sinônimo de amiga(o), guardião do corpo e das tradições; não tem nacionalidade, cor, sexo fixo. O Ancestral não é apenas africano, é telúrico de África, Europa, Ásia, terra – habita o corpo humano presente, cuja linhagem é milenar e ignorada. A ancestralidade reside em toda parte em qualquer tempo e lugar; é o corpo físico presente e passado com marcas descendentes de quem habitou física e culturalmente na Ásia, África e Europa; está presente no organismo manifestando o Duplo, a voz da inconsciência, ou aquilo que as religiões chamam de Espírito Santo, Nzila, Exu, Egun (espírito dos mortos).

Os depoimentos do Youtube sobre experiências pessoais com os ancestrais significam a batalha para cuidar de si, da saúde, da família, da cidade do país. Enfim, o conhecimento sobre ancestralidade é impreciso, frágil, desconexo. Os gritos em defesa da ancestralidade são sustentados pela dimensão mítica. Uma ancestralidade não nasce onde determina o pesquisador ou um grupo de pensadores e religiosos. Como podemos medir a linhagem ancestral e acompanhar o passado dos viventes afiliados geneticamente? Através da história é impossível precisar dada a incerteza e inconstância dos materiais “empíricos” tão distantes, tão fantasiosos. Se a história for recurso para alcançar a ancestralidade não faremos ciência, mas especulação imaginativa, com muito material mítico. Enfim, inexistente segurança científica na apreensão de dados para fundamentar uma pesquisa antepassada. Ela se perde na história sinuosa. Os túmulos de todos os antepassados precisariam ser desenterrados para provar a linhagem biológica,

consanguínea dos envolvidos. O problema é como verdadeiramente identificá-los.

O principal aspecto ainda nem foi exposto: seria responder como o antepassado, o inconsciente (ancestral) e os sonhos recuperam saberes, segredos, receitas de folhas e alimentos que de fato curam pessoas. Como essa ancestralidade oculta, elétrico-magnética pode ser explicada, historicizada, datada? Este é o principal problema insolúvel, sem “materialidade”. Ou seja, como medir, classificar, historicizar um corpo que se multiplica, que traz vozes do passado e fala do futuro? A fórmula “racional” que encontramos até agora são os comprimidos antidepressivos, os anti-alucinantes. Há grande desafio à frente.

Lopes (2013, p.40) e muitos adeptos do Candomblé afirmam que a tradição e o conhecimento se esgotam quando morre um especialista, uma sacerdotisa. Dificilmente isso ocorreria, pois na tradição Umbanda/Candomblé, os fundamentos das terapias são adquiridos mais pelo poder corporal: sonhos, visão, audição, imagens psíquicas, fenômenos mentais, em vez de livros e transmissão oral dos sacerdotes (babalorixás) e sacerdotisas (ialorixás). Oralidade e livros são insuficientes nessa tradição para solucionar problemas de doença e finanças. A tradição, quando encerrada em um templo, renasce em outro terreiro, pois depende mais das forças intrínsecas que de ensinamentos da comunidade religiosa. Cada indivíduo, portanto, traz ao mundo sua oralidade como defesa e arma para interagir com o ambiente. Isso ocorre em qualquer tradição religiosa: budista, maçônica, católica, candomblecista, cristã, pagã, islâmica, indígena.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet fortalece a cultura local na medida em que estabelece junção de saberes através do compartilhamento de informações e experiências antes secretas; promove e mobiliza comunidades em torno das novas informações: cursos de yourubá, palestras, músicas, depoimentos - imprescindíveis para melhor organização das festas, dos rituais,

da dinâmica religiosa. A experiência religiosa candomblecista é antiquíssima, tem origem anterior às civilizações industriais, virtualizadas, capitalistas. A realidade tem muitas forças: o capitalismo é uma delas, a religião outra. Neste caso entende-se o capitalismo como veículo, em vez de centro da vida. Embora o Youtube seja um canal mercadológico, o uso que se faz dele é criativo, variado, com propósitos pedagógicos, educativos e mercadológicos. O uso da internet por indivíduos e grupos culturais também deve ser visto como a expansão do corpo físico, da vontade de vida e subjetividade através de testemunhos de vitórias, honra e suporte para futuras gerações. Sem dar ênfase à historicidade e à transcendência, o presente estudo percorreu outra direção para o entendimento das categorias ancestralidade, oralidade, tradição - centradas, desta vez, na mente, nos poderes que emanam do organismo humano.

### CONFLITOS DE INTERESSES

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo mas não limitando-se a subvenções e financiamentos, conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc).

### REFERÊNCIAS

- Aritana, Sacerdote. (2015, maio 31). Axé com Aritana de Oxóssi 08. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=pUHUuFEjBG0>
- Aritana, Sacerdote (2015, junho 21). Axé com Aritana de Oxóssi 11. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de [https://www.youtube.com/watch?v=ka\\_hCYg\\_GEE](https://www.youtube.com/watch?v=ka_hCYg_GEE)
- Ayrá, Léo de, Ogã (2014, março 5). Àsèsè: o reinício da vida Altair Togun. [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=7SvT4cZxCnQ>
- Burgess, J., Jenkins, H., Hartley, J. (2009). YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. (Ricardo Giassetti, trad.). São Paulo: Aleph
- Beniste, J. (1997). Òrun Àiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento Nagô-Yorubá entre o céu e a terra. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Betancourt, V.(2009). Babalawô Médico tradicional: a doença, os medicamentos e a ética nas tradições Yorubá e no Candomblé (M. E. M. Constanten, trad.). Caracas Venezuela: Orumilá
- Castells, M. (2003). A galáxia da internet: Reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade. (M. L. X. de A. Borges, trad.; Paulo Vaz, rev.) Rio de Janeiro: Zahar
- Certeau, M. (1998). A Invenção do Cotidiano (3. ed.). Petrópolis: Vozes
- Clough, D. (2011, Novembro 30). "People Follow People": The Key to a Successful YouTube Strategy for Museums. Recuperado de <https://museumstudies.columbian.gwu.edu/sites/museumstudies.columbian.gwu.edu/files/downloads/Dixie%20Clough.pdf>
- Jornal Extra. (2016, março, 1). Eike Batista faz oferta de R\$ 700 mil a Iemanjá, e vidente diz: 'Ele vai voltar ao topo'. Recuperado de <http://extra.globo.com/famosos/eike-batista-faz-oferta-de-700-mil-iemanja-vidente-diz-ele-vai-voltar-ao-topo-18777755.html>
- Gilroy, P. (2001). O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: 34
- Gonçalves, J.O. (2016, fevereiro 3). Candomblé – Falando do axé - 0055 – Mãe Elzira de Oxalá [Arquivo de vídeo]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=9ftMa1M-6vs>
- Good News Bible: The Bible in Today's English Version (1976). Leviticus/Numbers: 112 -188. New York: American Bible Society
- Jagun, M. (2015). Ori: a cabeça como divindade: história, cultura, filosofia e religiosidade africana. Rio de Janeiro: Lireris
- Lopes, E.B.M. (2013). Ebó-virtual: internet, candomblé e disputas simbólicas em Fortaleza. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Lévy, P. (1996). O que é o virtual. (Paulo Neves, Trad.). São Paulo: Editora 34. Recuperado de [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq\\_interface/6a\\_aula/o\\_que\\_e\\_o\\_virtual\\_-\\_levy.pdf](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf)
- Maffesoli, M. (1998 ). O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa (2. ed., Luiz F.B. Neves, apes., M. de L. Menezes, trad., Arno Vorgel, Rev.). Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária
- Napoleão, E. (2016). Dicionário Yorubá para entender a linguagem dos orixás. Rio de Janeiro: Pallas
- Nietzsche, F. (2000). Humano Demasiado Humano: um livro para espíritos livres (P. C. de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras

Oliveira, A.B. (2009). Cantando para os orixás. Rio de Janeiro: Pallas

Oliveira, A.B. (2015). Elégun: iniciação no candomblé: feitura de Iyàwó, Ogan, Ekéjì (3.ed.). Rio de Janeiro, Pallas

Sodré, M. (2002). Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes

Sodré, M. (2005). A verdade seduzida (3.ed.). Rio de Janeiro: DP&A

Sodré, M. (2010). A tecnologia, a informação e o comum. Revista Alceu. 10(20), 16 - 24

Sodré, M. (2012, junho 6). Entrevistado por Mario Sergio Conti e convidados. [Arquivo de vídeo]. TVE, Programa Roda Viva. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=JrmmExBUxyQ>